

## OCIDENTE E ISLÃO

por Mário Soares

O terrorismo global é um flagelo que está a pôr em causa os restos da ordem mundial (que ainda temos) e que, pela sua imprevisibilidade, não se sabe quando, como e onde ataca. O combate ao terrorismo é pois um imperativo moral e político de primeira importância, que não pode nem deve ser descurado pelos Governos responsáveis.

Contudo, não pode ser um combate cego, correndo o risco de flagelar populações inocentes ou através da utilização de medidas securitárias excessivas que não hesitam em desrespeitar as garantias dos cidadãos, os Direitos Humanos e o Direito Internacional. Porque, nesse caso, estaremos a pôr em causa os valores essenciais que fundamentam as nossas sociedades democráticas e lhes dão credibilidade política e autoridade moral. Estaremos, sem querer, a fazer o jogo do próprio terrorismo.

A luta contra o terrorismo não pode ser concebida como uma "guerra" - muito menos uma "guerra preventiva" - entre o Ocidente e o Islão. Porque a simplificação dos conceitos Ocidente e Islão é redutora, perigosa e, finalmente, falsa, na medida em que não toma em conta a complexidade dos valores que os exprimem e nos conduz a cometer erros grosseiros (como tem sido o caso) e a resvalar, paulatinamente, quase sem nos apercebermos, para uma guerra de tipo religioso, que significaria um recuo civilizacional, de vários séculos. O pior que nos poderia suceder.

É possível que alguns valores do chamado Ocidente não sejam tão universais como julgávamos no final do século passado, após o colapso do universo comunista. Entretanto, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada nas Nações Unidas, por unanimidade, em 1948, e as diversas cartas de Direitos que a completaram, nas décadas seguintes, continuam a representar o maior contributo jurídico e político para aquilo que Leopold Senghor chamava a "civilização do universal".

A complexidade do Islão, a sua tão excepcional história e civilização, que tantos contributos valiosos deu ao próprio Ocidente, antes e depois desse momento de convergência e de diálogo histórico único do Al Andaluz, a variedade irreduzível das suas diferentes correntes religiosas, aconselham a que se não confunda o Islão com o fundamentalismo global nem, tão-pouco, com os chamados países árabes "moderados" que, embora aparentemente dóceis em relação ao Ocidente, não passam de ferozes ditaduras ou de intoleráveis "teocracias". De resto, o fundamentalismo global não é exclusivo do Islão. Com mais ou menos violência, não esqueçamos os fundamentalismos cristão, judaico ou indu, para só citar os mais conhecidos.

Daí o poder concluir-se que o fundamentalismo global não tem somente raízes religiosas, mas também geo-políticas e sociológicas que têm muito a ver com o subdesenvolvimento, com vastas zonas de desemprego, com a fome, com a cultura de violência, que todos os dias se insinua nas televisões do mundo

inteiro, com a criminalidade internacional organizada e com a humilhação, tão ostensiva, do capitalismo financeiro e especulativo e dos paraísos fiscais...

Por outro lado, o Ocidente não é hoje um todo compacto nem, muito menos, homogéneo. O hegemonismo da América do Norte - auto-intitulado "império benigno" - sob a administração Bush, está a correr para um desastre político, económico e sociológico de proporções inimagináveis. A União Europeia, incapaz de definir uma estratégia autónoma, em relação aos Estados Unidos, peca por omissão e incapacidade de intervenção, na ausência de lideranças com autoridade moral e verdadeira dimensão política. A América Latina - ou Ibero América - o terceiro polo ocidental, está hoje, no contexto mundial em acelerada transformação, hesitando entre um radicalismo de raiz populista (mestiço ou indígena) e um reformismo moderado de modelo mais ou menos social democrata. Oxalá sejam capazes de entender-se entre si...

Mas o mundo é muito mais vasto do que o Ocidente e o Islão e está, também ele, em rápida mutação. Os países ditos emergentes - a China, a Índia, a Rússia, o Brasil, a África do Sul, a Indonésia - espreitam o momento exacto para melhores oportunidades de afirmação. É natural.

Só com uma reforma das Nações Unidas, em profundidade, que possa apontar para uma espécie de formação mundial, se poderão encarar - com possibilidade de os resolver - os grandes desafios mundiais: a paz, a eliminação do terrorismo, a erradicação da pobreza, as ameaças ecológicas que afectam o Planeta, na base de uma reordenação mundial que traga aos Povos da Terra mais igualdade, mais liberdade e mais solidariedade, no quadro de um Mundo mais justo e humano.

O resto, será mera retórica para esquecer, no minuto seguinte àquele em que os discursos forem proferidos.

Lisboa, 28 de Setembro de 2006